



Iscte - Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa

Licenciatura em Sociologia

**Representações sobre o *Mundo do Graffiti*:
com o contributo da Sociologia das
Classes e Estratificação Social**

Cadeira: Classes e Estratificação Social

Docente: José Luis Casanova

Discentes: Paulo Vitorino nº 20235

Sandra Cunha nº 20248

Junho 2003



Atribuição – Uso Não-Comercial – Proibição de realização de Obras Derivadas 2.5

O utilizador pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra

Sob as seguintes condições:



Atribuição. O utilizador deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.



Uso Não-Comercial. O utilizador não pode utilizar esta obra para fins comerciais.



Não a Obras Derivadas. O utilizador não pode alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta.

- ➔ Para cada reutilização ou distribuição, deverá deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- ➔ Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que obtenha permissão por parte do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afectados pelo disposto acima.

Este é um sumário para leigos da Licença Jurídica (na íntegra), que pode ser consultada em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/legalcode>

Termo de exoneração de responsabilidade

O Acordo Commons não é uma licença propriamente dita. É apenas uma referência simples para entender a Licença Jurídica (a licença integral) – é uma expressão dos termos-chave que pode ser compreendida por qualquer pessoa. O Acordo Commons em si não tem qualquer valor legal e o seu conteúdo não aparece na licença integral.

[O Creative Commons não é um escritório de advocacia e não presta serviços jurídicos. A distribuição, exibição ou inclusão de links para esta Licença Simplificada não estabelece qualquer relação cliente-advogado.](#)

Índice

NOTA INTRODUTÓRIA.....	2
1. OBJECTO EMPÍRICO.....	3
2. CONCEITOS, PROBLEMÁTICA E HIPÓTESES DE PARTIDA.....	5
3. METODOLOGIA	
TÉCNICAS DE RECOLHA DA INFORMAÇÃO.....	9
TÉCNICAS DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO.....	10
A AMOSTRA.....	11
4. CONSTRUÇÃO DAS CATEGORIAS SÓCIO-PROFISSIONAIS.....	13
5. ANÁLISE DOS DADOS E VERIFICAÇÃO DE HIPÓTESES.....	16
SÍNTESE CONCLUSIVA.....	29
BIBLIOGRAFIA	30

Anexos

Anexo 1 - Glossário

Anexo 2 – Listagem das hipóteses de pesquisa

Anexo 3 – Quadro: Sociabilidades

Anexo 4 – Guião da Entrevista

Anexo 5 – Transcrição integral de sete das dez entrevistas efectuadas

Nota Introdutória

A análise de classes pretende explorar as relações entre classes sociais e todo o tipo de fenómenos sociais, com a ressalva de não ser, evidentemente a única variável explicativa e de não servir à exaustividade dos fenómenos da vida social.

Assim, esta pesquisa tem por objectivo efectuar uma análise não só descritiva, mas também compreensiva dos processos e condições que envolvem a prática do *graffiti* em Portugal e, no âmbito da Sociologia das Classes e Estratificação Social, procurar verificar a existência de alguma relação entre origem e posição de classe e as representações, valores e atitudes dos jovens *writers* face à prática do *graffiti*, à sociedade global e local que os rodeia, à família e aos grupos de amigos, às suas perspectivas futuras, às suas (des)motivações. Isto é, pretendemos esclarecer sobre a relação entre as características estruturais (ou de classe) dos indivíduos *graffiters* e as suas acções, representações, motivações e expectativas. Em, suma, com os resultados deste estudo esperamos poder contribuir para um melhor e maior conhecimento e compreensão deste grupo de população jovem, das suas motivações, experiências e expectativas e sobretudo do seu perfil social de classe. Esperamos ainda com este trabalho perceber o posicionamento destes jovens relativamente à concepção do graffiti como uma forma de arte. Ou seja, não é novidade que o graffiti é comunmente associado a vandalismo, a delinquência, a jovens de bairros sociais e de classes mais desfavorecidas. No entanto, alguns dos jovens *graffiters* empenham-se em diversas estratégias de legitimação que tentam transmitir uma imagem positiva, construtiva e artística do graffiti.

Para tal foram contactados jovens *writers* que se dedicam essencialmente ao *graffiti*, legal e ilegal, e outros que se dedicam mais ao *bombing*, forma rápida de pintar *tags* (assinaturas), com pouca elaboração das letras e pouco colorido, sendo este, usualmente, o mais associado ao vandalismo.

A recolha da informação não foi contudo isenta de problemas, pois se verificaram algumas dificuldades no contacto com os jovens que se dedicam ao graffiti, originadas por uma certa desconfiança e logo, uma certa relutância em conceder-nos entrevistas, quem nos criou verdadeiros problemas de aproximação, foram de facto os jovens do *bombing*. Desde desconfiarem das nossas intenções e nos confundirem com polícia até, desmarcarem as entrevistas à última da hora ou simplesmente “desaparecerem” do horizonte, tudo aconteceu.

Os prazos a cumprir para a execução desta pesquisa, não nos permitiram, infelizmente, abordar todas as dimensões de análise desejáveis. Mas dado que existe muito pouca informação empírica e estudos sociológicos efectuados sobre este objecto de dimensão e visibilidade cada

vez maior na nossa sociedade, ficam decerto deste estudo (exploratório) inúmeras pistas a seguir em estudos futuros.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos: começa com a definição do objecto de estudo, seguido, da apresentação de conceitos, problemática e hipóteses de pesquisa. O terceiro capítulo refere-se à metodologia utilizada e à caracterização da amostra. O capítulo seguinte apresenta uma explicação sumária da construção das categorias sócio-profissionais a que pertencem os nossos entrevistados. Prosseguimos no quinto capítulo com a análise da informação e com a consequente verificação das hipóteses iniciais e por último apresentamos uma síntese conclusiva deste estudo. Em anexo encontra-se além da listagem das hipóteses iniciais de trabalho, o guião da entrevista assim como as transcrições integrais de sete das dez entrevistas efectuadas. Mais uma vez, os prazos a cumprir não nos permitiram continuar a transcrição das últimas três entrevistas. No entanto, foram, evidentemente devidamente analisadas, ficando apenas a faltar a sua transcrição integral. Está também em anexo o quadro-síntese da construção das categorias sócio-profissionais das redes de amizade dos nossos entrevistados, ou seja, dos seus amigos e colegas graffítters. O glossário dos termos específicos à prática do graffiti encontra-se também em anexo.

1. Objecto Empírico

Desde a pré-história que o Homem sente necessidade de se expressar no seu meio e as inscrições ou desenhos em rochas, muros e paredes são usados com vários significados e objectivos desde há muito tempo. Nos dias que correm, não é difícil para quem circula em algumas áreas das zonas urbanas deparar-se com uma grande quantidade de figuras verbais e não verbais, de formas mais ou menos elaboradas, feitas ilegalmente (ou legalmente) com tinta spray em locais públicos ou privados, como paredes, muros, junto às vias de circulação e estações de comboios, enfim, um pouco por toda a parte o *graffiti* é algo que podemos observar quotidianamente nas áreas urbanas e semi-urbanas.

As práticas do *graffiti*, do *rap* e do *break-dance*, são consideradas componentes características do movimento *hip hop* que surgiu nos bairros mais estigmatizados dos Estados Unidos, nomeadamente em Nova York, durante a década de 70, impulsionado por Afrika Bambaata, quando um amigo seu, membro do seu *gang*, é morto pela polícia. Bambaata tomando consciência da violência e das condições de vida existentes no Bronx, abandona o *gang* e dedica-se à música, criando um movimento apolítico, *Zulu Nation*, anti-violência e anti-racismo,

assente em princípios como o respeito pelo próximo e pela diferença, a solidariedade, a tolerância e a criatividade.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massas permitiu a difusão deste movimento cultural praticamente à escala global, incluindo, obviamente, Portugal, que é o caso de que aqui tratamos. De facto, num espaço de tempo relativamente curto vimos as paredes das nossas cidades encherem-se de desenhos coloridos, muitas vezes indecifráveis para o olhar de qualquer transeunte, mas que se tornaram demasiado presentes e evidentes na nossa vida para que se possa por eles passar sem lhes conceder-mos um olhar mais demorado, sem os tentarmos compreender, sem os questionarmos sociologicamente. Quem são e o que pretendem os protagonistas sociais das práticas do *graffiti*? É comum atribuir-se estas práticas a grupos de jovens e tende-se a considerá-los muitas vezes, marginais, delinquentes ou pelo menos, jovens bastante problemáticos.

Por um lado, apesar de a um nível mais estrutural e global, os jovens de hoje, possam, aparentemente, estar frente a conjunturas históricas, sociais e económicas comuns, consequências da modernidade e do processo de globalização a vários níveis, a verdade é que não podemos considerar a categoria dos jovens como uma unidade globalmente homogénea. As condições estruturais de existência, os quadros de interacção em que se movem os sujeitos da acção, assim como os contextos sociais de produção de sentido, são variáveis que se relacionam com a formação de padrões de valores, representações, comportamentos e práticas. Assim, apesar de todas as categorias sociais da população, e neste caso concreto, os jovens, estarem sujeitos praticamente da mesma forma aos efeitos dos meios de comunicação de massas, não é possível afirmar que se tratem de sujeitos passivos. A apreensão e atribuição de significados, por parte dos agentes sociais, sobre aquilo que é difundido pelos *media* (televisão, cinema, rádio, vídeos, internet, revistas, CDs) varia em função dos esquemas de percepção e (re)produção de sentido que caracterizam a diversidade social, esquemas esses estruturados por um *habitus*, isto é, e como diria Bourdieu, por sistemas de disposições incorporados, mais ou menos duráveis, adquiridos em grande parte durante o processo de socialização primária, estruturados pelas condições materiais de existência e pelas posições relativas no espaço social dos agentes, e que por sua vez estruturam os esquemas de valores, representações e práticas dos indivíduos. Por outro lado, as práticas ou as acções dos agentes, elas próprias, contribuem para a reprodução ou transformação das posições relativas no espaço social, assim como dos diferentes *habitus*. Os processos de socialização secundária, percursos e trajectórias dos agentes sociais, assim como os quadros de interacção em que se movem os agentes, são também processos muito importantes para a formação dos *habitus*.

2. Conceitos, Problemática e Hipóteses de Partida

Portanto, tendo em conta o que atrás foi dito, a nossa hipótese é que, apesar de os jovens portugueses estarem sujeitos a dimensões globais comuns, a difusão da cultura *hip hop* e das práticas do *graffiti*, através de todos os meios de comunicação de massas não torna os agentes meros receptores passivos, ou seja, a apreensão do que é difundido depende dos esquemas de leitura dos agentes, que lhe atribuem significados, logo, a apropriação é diversificada, isto é, *as representações e o significado atribuído às práticas do graffiti variam em função da posição relativa dos agentes no espaço social e dos contextos locais de produção de sentido.*

As diversas culturas juvenis, objecto de análise em diversos trabalhos de José Machado Pais, são o manifesto de que os jovens se distribuem e posicionam de forma desigual pelo espaço social e redes de interacção, caracterizam-se pela diversidade e heterogeneidade, apesar de em termos geracionais formarem uma categoria sujeita a condições globais comuns. Ainda que este fenómeno, o graffiti, seja vivido por jovens dentro de uma determinada faixa etária e, logo inseridos numa certa “fase de vida” em oposição à cultura dominante das gerações mais velhas, o seu conjunto de crenças, valores e normas não deriva de todo das gerações precedentes, nem os torna num grupo homogéneo ao contrário do preconizado pela «corrente geracional» das culturas juvenis.

No seu trabalho sobre culturas juvenis¹, o autor encontrou o *graffiti* como prática de um grupo de jovens oriundos predominantemente das classes médias, e esta foi uma pista que seguimos no nosso trabalho. É curioso o facto de a prática do *graffiti* ter origem em subúrbios e áreas degradadas de Nova York e aparentemente ter sido apropriada por classes sociais diferenciadas em diversos contextos sociais do globo².

No caso português, conforme já referimos, vamos procurar desenhar o perfil de classe de jovens que se dedicam à prática do *graffiti*, isto é, vamos tentar perceber se partilham um mesmo perfil de classe ou se, pelo contrário, entre eles existem diferenciações ao nível da posição estrutural e origem de classe, que possibilite a formação de diferentes representações e significados atribuídos ao graffiti. De facto, *estamos inclinados a considerar que, diferentemente do que acontece nos EUA em que os graffitiers são oriundos das classes mais desfavorecidas, em Portugal os jovens graffitiers provêm de classes sociais diferenciadas.*

Não poderíamos também deixar de salientar a importância crucial que tem neste trabalho o conceito de *rede social* ou *rede de relacionamentos sociais*. “A noção de rede denota o conjunto

¹ PAIS, José Machado, *Culturas Juvenis*, Lisboa, INCM, 1993

² Obviamente que a construção de instrumentos teóricos de análise social com base no conceito de classe social, deve ter em conta os processos e as características socioeconómicas que variam de sociedade para sociedade.

de laços e relações, de diversos tipos e intensidades, que ligam um actor social a outros actores (...)”³ Quanto mais fortes forem os laços entre os actores de uma rede, ou seja, mais frequentes, duráveis, de maior intensidade emocional, confiança e intimidade, maior será, em princípio, a coesão e a homogeneidade da rede, gerando-se deste modo, grupos com fortes identidades e fronteiras susceptíveis de colocar obstáculos à influência de outros grupos e da sociedade em que se inserem. Por outro lado, os laços mais fracos poderão indicar grupos com maior diversidade de relacionamentos, redes mais heterogéneas.

Dado que os vários elementos dos grupos mudam frequentemente de crew (até encontrarem aquela com a qual mais se identifiquem), acreditamos que *as redes que caracterizam os grupos ou crews de graffitiers Portugueses, são bastante abertas e heterogéneas verificando-se no seu interior uma razoável diversidade de classes de origem e etnias.*

Outro ponto da análise consiste em *apurar se de alguma forma estas redes de relacionamento e os quadros de interacção local formados por diferentes grupos de jovens contribuem para representações e significados diferenciados atribuídos ao graffiti.*

O graffiti, conforme já foi referido, surgiu na década de setenta, inserido na cultura Hip-Hop cuja expressão se encontra no movimento intitulado *Zulu Nation*. Este, assentava em valores como o respeito, a solidariedade, a tolerância e a criatividade, um movimento anti-racismo e anti-violência, contestatário das condições de vida e da discriminação patentes nos bairros mais pobres dos EUA e que tinha como principal objectivo desenvolver formas pacíficas de expressão das experiências dos jovens dos subúrbios americanos, procurando assim desviá-los dos “gangs” de rua. Portanto, participar na cultura Hip-Hop passa, sobretudo, por marcar uma posição, transmitir e trocar mensagens, ou seja, por representar um ideal de vida.

Com base no que atrás foi dito, *pretendemos averiguar se as representações e significados atribuídos ao graffiti, pelas diferentes crews e seus membros, variam consoante o seu sentimento de pertença ao movimento Hip-Hop seja mais forte ou mais fraco.*

Parece-nos ainda que *os motivos que presidem ao desencadeamento destes comportamentos desviantes, e porque inseridos em contextos sócio-económicos diferentes, sejam diferentes daqueles que estiveram na base da formação da cultura Hip Hop no E.U.A.*

Por outro lado, o *graffiti* é uma prática considerada desviante, uma vez que se trata de uma actividade que, sendo proibida por lei, não se compadece com as normas socialmente vigentes. De facto o conceito de desvio aplica-se perfeitamente a este fenómeno visto que se refere às

³ Costa, António Firmino (et al), “Estudantes e amigos – Trajectórias de classe e redes de sociabilidade”, in *Análise Social*, vol.XXV, n.º: 105-106, Lisboa, 1990.

condutas que transgridem as normas de uma dada sociedade, à ausência ou falha de conformidade face às normas ou obrigações sociais. O *status* familiar e pessoal dos graffiteurs pode ser ameaçado em situações em que os contextos locais de vizinhança e redes de relacionamento descubram as práticas transgressoras destes jovens. Tendo em conta que esta problemática do desvio resulta da definição da sociedade relativamente aos comportamentos socialmente aceitáveis e aos comportamentos desviantes, ou seja, resulta de uma determinada definição e classificação social, também em torno dos graffiteurs pode girar uma imagem negativa construída pela sociedade que os rodeia, por transgredirem as normas socialmente vigentes, podendo mesmo traduzir-se numa perda de *status* para si mesmo e para o agregado familiar. Convém ainda recordar que estes jovens ao se “desviar” contam com o apoio de amigos e colegas com quem se identificam, isto é, com o apoio da sua rede de relacionamentos mais próxima (além da família) o que indicia, paradoxalmente, uma certa conformidade, com as regras e valores de um grupo em oposição à sociedade global, isto é, que não se identifica com o sistema de normas, regras e valores da mesma. Assim, existe por um lado inconformidade (face à sociedade) e conformidade (face a um grupo definido), que contribui para a definição e delimitação de uma determinada identidade grupal.

Baseando-nos no conceito de desvio e de anomia de Robert Merton, podemos neste caso estabelecer uma certa analogia. Não nos esqueçamos no entanto do contexto em que este autor apresentou as suas ideias. Para Merton a anomia resulta de uma ordem social em que não existe identidade entre as estruturas cultural e social, isto é, existe uma contradição entre as aspirações e objectivos que a sociedade inculca nos indivíduos e as oportunidades de satisfação que realmente lhes concede. Estas são só para alguns, o que evidentemente desencadeia o comportamento desviante por parte daqueles que ficam excluídos deste processo. É aceitável então considerar que o movimento Hip-Hop e, nomeadamente, a prática do graffiti tenha parte das suas raízes no sentimento de revolta e inconformidade que surge com esta sociedade que instiga desejos que depois não concede. A transgressão destes jovens graffiteurs assemelha-se à noção de *rebelião* de Merton, na medida em que também eles se encontram de certa forma à margem da sociedade e em oposição aos padrões culturais dominantes. Discordam dos fins e dos meios que lhes são propostos e empreendem uma luta deliberada contra estes, contra as normas, valores e ideologia dominantes. Estão sempre numa situação de conflito com a sociedade. Todo este panorama se aplica bastante bem ao contexto de crise, e à miséria e exclusão social em que os jovens dos bairros e guethos americanos se encontravam nos anos que assistiram ao nascimento do graffiti em Nova York. No entanto, a situação sócio-económica que se vivia em Portugal nos anos oitenta, durante o surgimento deste fenómeno no nosso país, era bastante diferente. Por isso, pretendemos averiguar sobre as representações dos jovens graffiteurs Portugueses em relação ao mundo e à sociedade que os rodeia. Qual a sua ideia relativamente ao que os outros (sociedade que os rodeia) possam pensar deles? Que valores e representações

manifestam? Julgamos que os motivos que presidem ao desencadeamento destes comportamentos desviantes, e porque inseridos em contextos sócio-económicos diferentes, sejam diferentes daqueles que estiveram na base da formação da cultura Hip Hop no E.U.A. Assim, parece-nos que em Portugal, *as motivações para este tipo de práticas se prendem mais com a necessidade de pertença a um grupo e com o processo de formação de identidades do que propriamente com a manifestação contra determinadas condições de vida.*

Como temos vindo a observar, os jovens enquanto categoria geracional encontram-se face a conjunturas históricas comuns. No entanto, em aspectos de nível mais estrutural, os jovens possuem especificidades que os colocam de forma diferenciada face a determinados contextos. Por exemplo, em contextos de crise de emprego, os jovens parecem ser uma das categorias mais afectadas. No entanto, o desapossamento de determinados recursos qualificacionais ou capital escolar, torna alguns jovens mais vulneráveis a situações de desemprego. De qualquer forma, é reconhecido que os jovens, de uma maneira geral, têm mais dificuldades de inserção no mercado de trabalho, mesmo na posse de qualificações autenticadas.

Segundo o trabalho deste autor, grande parte dos jovens de condição operária terá uma atitude menos valorativa em relação ao seguimento de carreiras profissionais e tendem a encarar o trabalho de uma forma mais instrumental, isto é, como a possibilidade de usufruir de alguma independência económica que lhes possibilite desfrutar da sua condição de jovem e, como em muitos casos, contribuir para o equilíbrio do orçamento familiar, dado serem oriundos de famílias de fracos recursos. É frequente nestes meios operários os jovens virem a reproduzir a condição social de seus pais. No entanto, é possível encontrar-mos também, neste meio, jovens que procurem formas de mobilidade social ascendente, através de um investimento de “sacrifício” dos pais no prosseguimento dos estudos dos seus filhos. Seja como for, é mais comum serem os jovens oriundos dos meios operários aqueles que deixam a escola mais precocemente. As classes médias e as classes mais elevadas serão aquelas cujos jovens tendem a valorizar mais os aspectos intrínsecos do trabalho, isto é, a actividade em si e a aposta em carreiras profissionais que lhes confirmem *status*, ao contrário das atitudes dos jovens do operariado que tendem a valorizar mais os aspectos exteriores do trabalho, como atrás vimos. Por isso, é comum dentro daquelas duas classes (em termos mais gerais), a valorização na obtenção de diplomas, e ainda mais nas classes médias, que são aquelas em que mais se produzem desejos de mobilidade social ascendente.

Não sendo de maneira nenhuma conclusões definitivas ou características exclusivas de cada classe, importa salientar que *as atitudes perante a escola e a obtenção de diplomas e o seguimento dos estudos, diferem entre os jovens consoante as suas pertenças e origens de classe.*

Uma pista importante para este trabalho, foi fornecida por este autor, que sustenta que serão os jovens oriundos das classes médias aqueles que procuram a via artística como actividade de substituição. Se consideramos o graffiti como uma forma de arte que procura afirmar-se no campo artístico, através de todo um conjunto de estratégias de legitimação, vamos procurar saber se se trata de uma actividade de substituição, se estes jovens procuram enveredar por uma carreira artística, e ainda, o que é fundamental, saber se eles próprios consideram o graffiti uma forma de arte.

Portanto, o presente estudo empenhou-se em compreender antes de tudo, quem são estes *graffiters* ou *writers* que nos encham as paredes de riscos e rabiscos na opinião de uns, ou de desenhos cheios de formas e cores dignos de serem chamados de arte, na opinião de outros.

3. Metodologia

Técnicas de recolha de dados

Face ao nosso objecto de estudo e à nossa problemática, a relação entre perfil de classe e prática do *graffiti*, considerámos como mais adequado para a recolha de informação o uso da entrevista semi-directiva, por forma a permitir obter resposta às nossas questões chave sem no entanto excluir as informações inesperadas ou paralelas que pudessem surgir no decorrer do processo de comunicação e que pudessem vir a alterar ou enriquecer as nossas hipóteses iniciais de trabalho. Ou seja, pretendia-se deixar caminho livre às interpretações e expressão de sentimentos dos entrevistados pelas suas próprias palavras. Recorremos ainda à pesquisa no terreno, por um lado, para nos ser facilitada a aproximação e o estabelecimento de uma relação de confiança com os *graffiters* que nos permitiu efectuar as entrevistas com muito mais à vontade e colaboração por parte dos mesmos e, por outro lado, por permitir uma melhor compreensão dos comportamentos dos jovens, do tipo de relações que estabelecem uns com os outros, do modo como actuam quando vão pintar em conjunto.

Como o objectivo era perceber o que leva os jovens “*graffiters*” a iniciarem-se numa actividade desviante e ilegal, quais as suas representações sobre esta actividade, as suas crenças, valores e normas, considerámos a necessidade da utilização destas duas técnicas praticamente imprescindível. Só assim se tornava possível identificar, numa realidade tão complexa, a existência (ou não) de traços comuns de estímulo à prática do graffiti e tentar perceber também

as diferentes propensões para esta actividade. Só assim seria possível perceber se estes traços comuns ou diferentes estariam de alguma forma ligados à posição de classe e estratificação social e, sendo o caso, como e porquê.

Estas técnicas de recolha de informação apesar de não permitirem inquirir o número de pessoas que se inquiram com os inquiridos por questionário e deste modo não se colocar sequer a questão da representatividade estatística, permitem alcançar uma profundidade sobre o tema que seria impensável com outros métodos, ou seja, uma informação muito mais rica, detalhada e, por vezes até, inesperada.

Técnicas de tratamento da informação

Tendo em conta a nossa problemática, a origem de *classe* dos protagonistas da prática do *graffiti* é uma variável de uma importância central neste estudo, pelo que foi necessário privilegiar a posição relativa de classe dos membros do núcleo familiar, nomeadamente os pais, pois muitos destes jovens são estudantes, o que metodologicamente nos empurrou para uma análise da situação de classe dos pais.

Relativamente à análise de conteúdo das entrevistas surgiram algumas dificuldades como, por exemplo, o facto do tratamento da informação demorar muito tempo devido à necessidade de interpretação de muitas das respostas e à codificação das mesmas. Embora tenhamos optado por analisar as entrevistas na íntegra e não proceder a um resumo não tomámos em conta na nossa análise determinados factores como erros de sintaxe, hesitações ou a ordem de aparecimento das preposições.

Relativamente à análise de conteúdo das entrevistas procedemos a uma análise temática vertical, ou seja, analisámos aprofundadamente cada entrevista de cada “Writer” per si procurando a explicação para as nossas questões a um nível singular, isto é, procurando perceber as motivações pessoais, os sentimentos ou não de pertença a grupos, as representações sobre o graffiti e a sociedade, para depois se aplicar então uma análise de conteúdo horizontal na expectativa de se poderem estabelecer comparações, relações e agrupamentos entre os entrevistados.

A amostra

O nosso processo de amostragem foi efectuado pela técnica do snowball, ou seja, uma vez que não se sabíamos ao certo quem praticava graffiti, onde e quando actuavam, estabelecemos contactos iniciais com alguns jovens através de redes de conhecimento e da Internet, que por sua vez nos indicaram outros praticantes e assim sucessivamente. No entanto, tivemos o cuidado de contactar jovens oriundos de locais diferentes da área da Grande Lisboa, com o intuito de nos prevenirmos de encontrar uma única rede de sociabilidades entre graffitiers. Portanto, a nossa amostra construiu-se de facto através não de um, mas de vários processos de snowball.

O número de graffitiers que entrevistámos foi determinado pela exaustividade da informação obtida ao longo do processo de recolha de dados assim como pela variedade de situações existentes e encontram-se representados no quadro seguinte.

Como se pode facilmente verificar, as idades dos nossos entrevistados variam entre os 17 e os 28 anos. Tivemos no entanto informação de que as idades mínimas de graffitiers ou iniciados rondam os dez, onze anos e que há indivíduos com trinta e trinta e poucos anos que ainda pintam graffiti.

O *graffiti* sempre foi uma prática essencialmente masculina por razões que não coube explorar nesta pesquisa, de modo que dos nossos 10 entrevistados, só uma (Entrev. nº 3) é do sexo feminino.

Apesar de não estar presente neste quadro, a maioria dos nosso entrevistados são de etnia branca e apenas um é de origem africana. De facto, ao longo das entrevistas os nossos entrevistados reconheceram conhecer poucos graffitiers de outras etnias, tendo sido indicados apenas 2 ou 3 de origem africana, um indiano e um chinês. Afirmam que a maioria dos graffitiers em Portugal são brancos e de facto, toda a nossa pesquisa nesse sentido (através das entrevistas, pesquisa na Internet e revistas de graffiti) nos inclina a confirmar essa afirmação.

Com o intuito de averiguar se a diferentes redes de interacção, correspondem diferentes significados atribuídos ao graffiti, tivemos o cuidado de recolher testemunhos de jovens oriundos de diversas regiões de Portugal, dois da região Norte (Porto e Gaia) e os restantes da região Centro (Grande Lisboa) de modo a obtermos testemunhos de diversas “redes de graffitiers”, de diversas *crews*.

Amostra

	Idade	Crew	Local residência	Escolaridade	Profissão/Ocupação principal
Entrev.n º 1	28	Leg	Seixal	Licenciatura	Designer de Moda
Entrev. nº 2	23	Leg / Clann	Feijó	12º	Electricista de automóveis
Entrev. nº 3	18	?	Gaia	Frequência Ens. Superior	Estudante
Entrev. nº 4	20	Ops / Dtl	Porto	9º	Estudante
Entrev. nº 5	24	United Artists / Clann	Forte da Casa	12º	Comerciante
Entrev. nº 6	17	Wild Style / Clann	Forte da Casa	Frequência 11º ano	Estudante
Entrev. nº 7	22	Gvs / Five Star	Buraca	12º	Decorador toldos / Estudante
Entrev. nº 8	18	Dcs	Xabregas	10º	Estudante
Entrev. nº 9	19	?	Lisboa	Frequência Ens. Superior	Estudante
Entrev. nº 10	18	?	Lisboa	Frequência Ens. Superior	Estudante

4. Construção das categorias sócio-profissionais

Para a construção das categorias sócio-profissionais (variáveis derivadas) dos nossos entrevistados, e por forma a poder-se analisar as problemáticas levantadas em termos de classes sociais, baseámo-nos na tabela⁴ que António Firmino da Costa apresenta no seu estudo intitulado “Sociedade de Bairro” e que faz o cruzamento de duas variáveis primárias, a *profissão* e a *situação na profissão*.

No entanto, estes indicadores sócio - profissionais “não recobrem todo o âmbito do conceito de classe social”⁵, pelo que tomámos também em consideração, tanto em relação aos nossos entrevistados activos como aos pais dos estudantes, o nível de escolaridade alcançado. De facto,

⁴ COSTA, António Firmino, *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, 1999, p. 230.

⁵ COSTA, António Firmino, op. Cit., p. 231.

os recursos educacionais configuram espaços de relações que se repercutem em variadíssimos aspectos da vida social como, na formação de sistemas de disposições, no acesso a oportunidades, na adesão a determinados estilos de vida, etc. Os indicadores sócio – profissionais, apesar de incluírem na sua génese, os recursos educacionais, através da dimensão qualificacional existente nas classificações de profissões usadas, fazem-no de forma indirecta e parcial. Assim, o indicador *escolaridade* permitiu fazer a distinção entre certas profissões que usualmente são indicadas com a mesma designação, mas que mediante o grau de escolaridade exigido, se situam em categorias sócio-profissionais diferentes . Por exemplo, no caso dos trabalhadores por conta de outrém, a secretária ou o contabilista com o 9º ou 12º ano, inserem-se na categoria dos Empregados Executantes, enquanto que a secretária ou o contabilista detentores de um curso superior, se inserem na categoria dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento.

Além disso é também um indicador de extrema importância para a análise das trajectórias sociais, verificadas, neste caso, através do confronto entre a categoria soció-profissional de origem e a situação actual do indivíduo ou, no caso dos estudantes, o seu “futuro virtual”, fornecido, por sua vez, pelo grau de escolaridade alcançado e/ou frequentado. A *trajectória social* dos graffitters entrevistados é um assunto a que prestámos alguma atenção e que será discutido adiante, assim como a composição das suas *redes de relacionamento*, ou, mais especificamente, das *sociabilidades* destes jovens.

Foi ainda considerado, quando tal se justificou o nº de empregados a cargo. Assim, os empregadores com mais de dez empregados ficaram classificados na categoria dos Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais, enquanto que os trabalhadores por conta própria mas com menos de dez empregados ficaram inseridos na categoria dos Trabalhadores Independentes.

Tendo em conta que grande parte dos nossos entrevistados são estudantes, tivemos de recorrer à caracterização em termos de classe, do grupo doméstico de origem, isto é, dos pais. De facto, não minimizando a importância das características de classe do próprio indivíduo, a posição de classe do grupo doméstico é de extrema importância para o enriquecimento e para a formulação do conceito de classe, pois “no grupo doméstico partilha-se um conjunto decisivo de recursos e de condições de existência, nele se estruturam princípios organizadores básicos dos sistemas de disposições e nele, também, se geram boa parte das estratégias e orientações de vida”⁶. Ressalve-se no entanto que sempre que os entrevistados já exerciam uma profissão, foi considerada para o efeito, apenas a sua categoria sócio – profissional.

⁶ COSTA, António Firmino, MACHADO, Fernando Luis, ALMEIDA, João Ferreira, *Estudantes e amigos: trajectórias de classe e redes de sociabilidade*, in *Análise Social*, nº 105-106, 1990, p. 195

Por fim, um último esclarecimento relativo ao ISPF – Indicador soció-profissional familiar de classe. Este é o indicador obtido pela matriz que cruza a categoria sócio-profissional dos dois cônjuges. Mais, uma vez, baseámo-nos no modelo apresentado por Firmino da Costa, na obra já citada, que expressa o critério de “conjugação”, ou seja, aquele que procede à integração conjunta das referências relativas dos dois elementos do núcleo conjugal principal, isto é, dos cônjuges e para alguns casos o critério de “dominação” que dá maior peso, na constituição deste indicador, à categoria sócio-profissional do elemento familiar que contribuir com maior volume de recursos.

Assim sendo passamos a apresentar, o quadro que sintetiza toda a informação que presidiu à construção dos indicadores sócio-profissionais dos nossos entrevistados, dos seus pais e do consequente ISPF.

Perfis de Classe

	Escolar.	Profissão / Sit. Prof.	Categoria sócio-prof.	Escolar. pai	Profissão / Sit. Prof. Pai	Categoria sócio-prof. pai	Escolar. mãe	Profissão / Sit. Prof. Mãe	Categoria sócio-prof. mãe	
Ent.1	Licenciatura (Design Moda)	Designer Moda (C. Outrém)	PTE	9°	Presidente Clube Futebol, (C. Outrém)	EDL	12° + Frequência Ens. Superior	Dona de um cabeleireiro (1 emp.)	TI	<i>E</i> <i>D</i> <i>L</i>
Ent.2	12°	Electricista de automóveis, (Emp. Familiar)	O	4°	Electricista de automóveis (2 emp.)	TI	9° ano	Cortadora têxtil (C. Outrém)	O	TIpl
Ent.3	Frequência Ens. Super. (Design)			Licenciatura	Designer de Comunicação, (C. Outrém)	PTE	Licenciatura	Professora Ens. Sec. + Autora man. escol. Dic.Arte	PTE	PTE
Ent.4	9° (Estudante Design)			12°	Gerente Comercial (C. Própria)	PTE	12°	Secretária (C. Outrém)	EE	PTE
Ent.5	12°	Comerciante (Emp. Familiar)	TI	6°	Comerciante (C. Própria)	TI	6°	Comerciante (C. Própria)	TI	TI
Ent.6	Frequência 11°			4°	Técnico Tel. (C. Outrém)	O	4°	<i>D*</i>		O
Ent.7	12°	Decorador de toldos (C. Outrém)	EE	6°	Chefe Secção (transportes) (C. Outrém)	EE	4°	<i>D*</i>		EE
Ent.8	Frequência 10°			<i>NS</i>	<i>NS</i>		<i>NS</i>	<i>NS</i>		OSI*
Ent.9	Frequência Ens. Superior (Design Gráf.)			11°	Vendedor, C.O.	EE	Licenciatura	Professora	PTE	PTE
Ent.10	Frequência Ens. Superior (Com. Gráfica)			Frequência Doutoramento	Prof. Educação Visual e Tecn. (C. Outrém)	PTE	Doutoramento	Deputada (Assembleia República)	EDL	EDL

* OSI – Origem Social Indeterminada / NS – Não sabe / D – Mãe Doméstica

A observação do quadro mostra-nos que dos dez entrevistados apenas quatro exercem profissão e que os estudantes que frequentam o ensino superior, fazem-no todos, em áreas ligadas ao Design e ao Grafismo. O entrevistado nº 4 apesar de frequentar um curso técnico- profissional também está ligado ao Design. Dos estudantes que não entraram para o ensino superior, apenas três, o entrevistado nº 2, nº 10 e nº 5, colocam de parte a continuação dos estudos seja na área das artes, seja noutra qualquer. É de salientar contudo, que a categoria sócio-profissional do primeiro é Operário e o segundo, tem um ISPF indeterminado em virtude de ser um jovem residente há nove anos numa instituição de solidariedade social e que está a cargo da segurança social. Dado que é estudante, também não é possível estabelecer a sua categoria sócio-profissional actual. De qualquer modo, ambos se enquadram perfeitamente nas categorias sócio-profissionais mais desfavorecidas da estrutura social. O terceiro (entrevistado nº5), não pretende continuar os estudos em virtude de ter herdado o negócio familiar. Os outros três entrevistados que não frequentam o ensino superior mantêm esperanças de o fazer e, mais uma vez, todos nas áreas ligadas ao Design, ao Grafismo, em suma, às artes.

Pode-se ainda observar também que a nível do ISPF dos nossos entrevistados, existe uma grande diversidade de categorias sócio-profissionais. Assim, encontramos 2 EDL, 3 PTE, 1 TI, 1 EE, 1 TIpl, 1 O e por fim o nosso caso Indeterminado.

Já dispomos então de dados suficientes para uma análise das relações existentes entre os posicionamentos sociais dos indivíduos e as suas representações, valores atitudes e comportamentos referentes à prática do graffiti.

Queremos chamar a atenção para o facto de ter sido construído um quadro semelhante ao apresentado, para os amigos e colegas graffítters dos nossos entrevistados, no qual basearemos também a nossa análise, sempre que tal se justifique. Este quadro das Sociabilidades pode ser consultado no Anexo 3.

5. Análise dos dados e verificação de hipóteses

Existe na sociedade portuguesa uma ideia corrente que associa a prática do graffiti a vandalismo praticado por jovens oriundos de bairros degradados. Na verdade, e quanto aos nossos entrevistados diz respeito, o graffiti é uma prática que atravessa todas as classes sociais. No entanto, e ao contrário do que muitos poderiam imaginar, a categoria socio-profissional predominante é, de facto, a dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE). Dos 10 jovens entrevistados, metade, situam-se nesta categoria socio-profissional, seja por pertença directa ou com base na posição familiar, no caso dos estudantes. Aqui surge uma primeira

questão: que dinâmicas sociais poderão estar associadas a este fenómeno uma vez que, o tipo de graffiti aqui considerado como objecto de estudo, começou por ser praticado por jovens oriundos dos bairros mais problemáticos de Nova York?

Para responder a esta e a outras questões, construímos um quadro que apresenta o ISPF para cada indivíduo, assim como a sua posição social actual no caso dos activos e, o nível de escolaridade para os que são estudantes, que nos vai fornecer uma panorâmica geral sobre as trajectórias sociais dos graffítters que entrevistámos e dos seus colegas graffítters, dos quais também recolhemos informações.

Trajectórias Sociais

	Escolaridade	ISPF	Categ.Sócio-Prof. Próprio	Mobilidade
Entrev. 1	Licenciatura (Design Moda)	EDL	PTE	
Entrev. 2	12º	Tipl	O	
Entrev. 3	Frequência Ens.Sup. (Design)	PTE		?
Entrev. 4	9º (Frequência Curso Téc. Prof. - Design)	PTE		?
Entrev. 5	12º	TI	TI	
Entrev. 6	Frequência 11º	O		?
Entrev. 7	12º	EE	EE	
Entrev. 8	Frequência 10º	OSI*		?
Entrev. 9	Frequência Ens. Sup. (Design Gráfico)	PTE		?
Entrev. 10	Frequência Ens. Sup. (Comunicação Gráfica)	EDL		?
Graffiter caso 11	Licenciatura (Design Gráfico)	EDL	EDL	
Graffiter caso 12	Frequência Curso Prof. Design	EE		?
Graffiter caso 13	9º	EDL	TI	
Graffiter caso 14	Frequência 11º	EDL		?
Graffiter caso 15	Frequência 12º	PTE		?
Graffiter caso 16	10º	EE	EE	
Graffiter caso 17	12º	Aepl	EE	
Graffiter caso 18	8º	TI	TI	
Amiga caso 19	Licenciatura (Design Moda)	EE	PTE	
Amiga caso 20	Frequência Ens. Sup. (Matemática Aplicada)	EE		?

Amigo caso 21	Frequência Ens. Sup.	PTE		?
Amigo caso 22	Frequência Ens. Sup.	TI		?
Amigo caso 23	Frequência Ens. Sup.	PTE		?
Amigo caso 24	?	O	O	↔

* OSI – Origem Social Indeterminada

Importa referir que no quadro só estão apresentados os indivíduos para os quais possuíamos toda a informação necessária, a saber, o origem social e a categoria sócio-profissional do próprio ou o seu nível de escolaridade.

Portanto, retomando o que atrás foi dito e ressaltando que de dez graffítters entrevistados, quatro frequentam ou concluíram o Ensino superior e dois estão em vias de aí ingressar, confirma-se grosso modo a tendência geral na sociedade Portuguesa da aposta na escolarização e na obtenção de recursos qualificacionais. Conforme se pode verificar, também os seus amigos ou colegas de actividade confirmam esta tendência.

Se confrontarmos a escolaridade dos indivíduos com o seu ISPF, verificamos que quem frequenta ou concluiu o ensino superior, possui ISPF's bastante elevados, de TI para cima, à excepção de dois indivíduos, amigos e não-graffítters, que provêm de uma categoria social de origem EE.

Assim, já podemos adiantar que, ainda que sem certezas absolutas e tendo sempre em conta que a nossa amostra não é representativa dos jovens Portugueses, se confirma a nossa última hipótese de trabalho, ou seja, que de facto, as atitudes perante a escola e a obtenção de diplomas e o seguimento dos estudos, diferem entre os jovens consoante as suas pertenças e origens de classe.

Realmente, também entre os nossos entrevistados, são os jovens com um ISPF situado, maioritariamente, na categoria sócio-profissional PTE e EDL (entrevistados n°s 1, 2, 9, 10 e ainda alguns dos graffítters e amigos referidos pelos n/ entrevistados), que apostam no seguimento dos estudos e assim no ingresso no ensino superior, se bem que também se encontrem alguns (dois) com um ISPF na categoria EE e um na categoria TI. Estes jovens diferenciam-se bastante dos jovens oriundos das classes sociais mais desfavorecidas. De facto, do conjunto de informação que possuímos é possível apurar que os jovens que possuem uma categoria sócio-profissional ou um ISPF situado no Operariado e até nos Trabalhadores Executantes, na sua maioria, não ingressaram no ensino superior nem têm intenções de o fazer.

“...ainda me inscrevi para as universidades mas não, não tinha posses para ir para uma particular...então, depois não entrei, dois anos de seguida, entretanto comecei a trabalhar em Lisboa a fazer animação (...). Aquilo foi à falência e eu agora tou a trabalhar com o meu pai, pronto. Já me estão fartos de dizer...”Eh pá, junta um dinheiro, tira um curso, nem que seja de Design.” Eu gostava, mas...a prestação do carro e a gasolina e etc, etc, etc, e não dá...” (entrevistado nº 2, 22 anos, 12º ano, Operário)

Também o entrevistado, nº 8, estudante no 10º ano, nos disse que não fazia intenções de seguir o ensino superior e que pretendia apenas terminar o 12º ano e começar a trabalhar para poder comprar casa própria e ser independente. Note-se que este jovem está a cargo da Segurança Social e reside numa Instituição de Solidariedade Social.

Portanto, também neste estudo se verifica a hipótese geral avançada por José Machado Pais na sua obra “Culturas Juvenis” (1993), que afirma que as diferentes posições sociais correspondem a diferentes trajectos e expectativas escolares.

Relativamente à mobilidade social, podemos também retirar da observação do quadro “trajectórias sociais”, algumas conclusões pertinentes. Mais uma vez, se no conjunto dos nossos entrevistados e das suas redes de relacionamentos, confrontarmos o grau de escolaridade ou a categoria sócio-profissional de cada um com o ISPF em que se encontram inseridos e com o grau de escolaridade atingido pelos pais, podemos concluir pela quase inexistência de mobilidade intergeracional em qualquer das posições de classe existentes no nosso estudo. De facto, do conjunto de jovens apresentado, sete reproduzem o seu ISPF. É de salientar que à excepção do 11º e 24º casos apresentados, que reproduzem a categoria sócio-profissional EDL e O, respectivamente, todos os outros pertencem e reproduzem categorias intermédias como as dos Empregados Executantes e Trabalhadores Independentes. Os casos dos entrevistados nºs 1 e 2 em que se verificou uma mobilidade descendente são pouco significativos no sentido em que o primeiro destes jovens pretende criar uma marca própria ligada ao graffiti e criar a sua própria empresa, deslocando-se para cima na posição social que ocupa actualmente, se tal se concretizar. Não nos podemos esquecer que todos estes jovens se encontram ainda em início de carreira e em plena estruturação do seu futuro e todas as hipóteses explicativas de futuro avançadas, são meras suposições.

“(...) eventualmente mais tarde vou acabar por, se Deus quiser, fazer uma marca minha, ligada ao graffiti e pronto e as coisas acabam depois por se desenvolverem nesse sentido, se gostares muito.” (entrevistado nº 1, 28 anos, licenciatura, PTE)

Também o entrevistado nº 2, apesar de situado na categoria sócio-profissional do operariado, trabalha para o pai e o mais certo é que venha um dia mais tarde a herdar o negócio, tornando-se ele, se assim for, empregador subindo também de posição social.

Por último, queremos referir, quanto a este ponto da análise, que os casos assinalados com um ponto de interrogação, por se tratar de estudantes sem categoria sócio-profissional própria, apontam na maior parte das vezes para uma manutenção e reprodução da classe social de origem, visto que provêm (na sua grande maioria) de ISPF's situados na categoria dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento. Não é, de facto, descabido assumir, que ao terminarem as respectivas licenciaturas e ingressarem no mundo do trabalho, estes jovens venham por sua vez a ocupar posições sociais nas categorias de origem, nomeadamente PTE e talvez TI. Esta ilações aproximam-se, de facto, das conclusões a que chegaram Elísio Estanque e José Manuel Mendes no seu estudo "Classes e desigualdades sociais em Portugal" (1997), e que sustentam que são de facto os indivíduos com origem social nos Gestores e Supervisores Qualificados e nos Peritos e Trabalhadores Qualificados⁷ que mais apostam na escolarização como meio de obter maiores oportunidades sociais e assim de manter ou melhorar a sua posição social.

Ainda segundo estes autores, "(...) as classes detentoras de propriedade (sobretudo os pequenos empregadores e a pequena-burguesia) apostam menos na escola como mecanismo de reprodução social, dada a facilidade relativa de instalação dos descendentes". Os nossos exemplos fieis desta conclusão são o entrevistado nº 5 e o caso 11 do quadro "trajectórias sociais". Os autores continuam dizendo que "A classe trabalhadora, pela destituição em capital escolar e cultural, tende a ser negativamente seleccionada no processo de escolarização, sobretudo a de longa duração, enquanto que as classes que há partida já possuem maior capital escolar têm maior probabilidade de reprodução social, através do investimento educacional dos seus descendentes."⁸ Estes são os casos já mencionados acima, e que se referem aos jovens graffítters com um ISPF situado na categoria dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento e que na sua maioria frequentam ou já terminaram o ensino superior

Não podemos prosseguir a análise sem nos referirmos às redes de relacionamentos sociais estabelecidas pelos nossos jovens graffítters. A noção de rede denota, de um modo genérico e conforme já foi referido no capítulo 2 deste trabalho, o conjunto de laços e relações de diversos tipos e intensidades, que ligam um actor social a outros, assim como os eventuais laços que se poderão estabelecer entre esses outros actores. Dado que a nossa problemática se prende mais com acções e comportamentos, considerámos mais adequando para a nossa análise o uso do

⁷ ESTANQUE, Elísio, MENDES, José Manuel, *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, 1997, Cap.5.

⁸ ESTANQUE, Elísio, *op. cit.*, p. 209.

conceito de *sociabilidades* que se refere a “(...) contactos não anónimos, repetidos e duradouros, que se estabelecem no quadro de distintas referências, como as familiares, as de amizade, as profissionais, as de vizinhança, as de associações.”⁹, isto é, que se referem a relacionamentos com uma forte componente de convivência e partilha. É exactamente o carácter excepcional, forte e intenso destes relacionamentos que é ressaltado de forma bastante positiva e entusiasta por diversos dos nossos entrevistados.

“(...) agora é mesmo a amizade e tar com o pessoal...(...) a minha namorada é que diz: “Tu gostas mais de estar com eles do que comigo””. (entrevistado nº 2, 22 anos, 12º ano, Operário)

“(...)é o vivermos em conjunto uns com os outros que nos vai dando motivação pa continuar senão, é como em tudo, uma pessoa isolada cai na rotina(...)” (entrevistado nº 6, 17 anos, frequência do 11º ano, origem social O)

A nossa hipótese nº 3, postulava que as redes que caracterizam os grupos ou crews de graffitiers Portugueses, seriam bastante abertas e heterogéneas verificando-se no seu interior uma razoável diversidade de classes de origem e etnias. Ora, o que conseguimos apurar das informações recolhidas é exactamente o oposto. De facto, a nível de etnias as crews contactadas são quase na sua totalidade compostas por jovens brancos. Foram no total mencionados pelos nossos entrevistados (apenas um é de origem africana), 3 jovens graffitiers de origem africana e um de origem chinesa. Relativamente às composições de classes dentro de cada crew julgamos poder afirmar que se tratam de grupos essencialmente intraclassistas, verificando-se uma certa homogeneidade na origem social dos membros de cada crew. Recorrendo aos quadros apresentados nas págs. 11 e 14 e ao quadro referente às sociabilidades que se encontra em anexo a este trabalho, podemos exemplificar o que atrás foi dito, através dos entrevistados do Porto e Gaia, nomeadamente, entrevistados nº 4 e nº 3, ambos com uma origem social PTE, que apresentaram diversos amigos e colegas graffitiers, na sua maioria com origens sociais semelhantes, PTE, TI e EDL. No pólo oposto encontramos os entrevistados da Buraca, Xabregas e Lisboa, isto é, os entrevistados nºs 7, 8 e 9 que tendo uma origem social mais modesta (ISPF: EE, PTE e Indeterminado) nos apresentaram amigos e colegas enquadrados por categoria sócio-profissional própria ou pelo seu ISPF, em localizações mais baixas do que a s crews do Porto e Gaia, nomeadamente, PTE, TI, EE e O . Também os membros da crew do forte da Casa, apesar de oriundos de ISPF diferentes, apresentaram colegas graffitiers praticamente todos enquadrados na categoria sócio-profissional dos Empregados Executantes. Apenas os entrevistados da Margem Sul do Tejo (entrevistados nº 1 e 2) possuem uma rede de relacionamentos mais heterogénea no que a posicionamentos de classe diz respeito. Os colegas graffitier e amigos das

⁹ COSTA, António Firmino, MACHADO, Fernando Luis, ALMEIDA, João Ferreira, *Estudantes e amigos: trajetórias de classe e redes de sociabilidade*, in *Análise Social*, nº 105-106, 1990, p.198.

suas redes de relacionamento têm origens sociais que vão desde o posicionamento nos Empregados Executantes até aos posicionados nos EDL.

Portanto, apesar de esta estrutura intraclassista das crews, não ser rígida nem comportar apenas uma posição social, facto que nos leva a considerar o termo, intraclassista um pouco forte e rígido de mais para os nossos propósitos, a verdade é que as crews tendem a organizar-se e a constituir-se em torno de indivíduos com os mesmos posicionamentos de classe, pelo que a nossa hipótese inicial é infirmada.

Uma outra hipótese que lançámos prendia-se com a possibilidade de à prática do graffiti serem atribuídos diferentes significados variando estes consoante a posição de classe dos indivíduos e os contextos sociais locais em que se inserem. Em primeiro lugar, podemos de facto afirmar que existem significados diferenciados atribuídos à prática do graffiti, mas não é a posição de classe que determina tais representações, pelo que, na análise que vamos efectuar ao longo do texto, serão apresentados referentes empíricos que permitam abranger um leque alargado de categorias socio-profissionais.

Todos os entrevistados começaram pelo graffiti ilegal ou pelo menos passaram por ele, embora uns valorizem mais uma ou outra vertente, ou ainda ambas. No entanto, ambas as vertentes do graffiti, legal/ilegal, são praticadas por jovens de posições de classe diferenciadas. Podemos afirmar que a esta clivagem estão associadas diferentes concepções e representações sobre o que é o graffiti, embora seja possível um mesmo writer praticar as duas vertentes, normalmente optam por uma delas, sendo que, quem defende o *bombing* pratica menos vezes graffiti legal, como, por exemplo, os *hall of fame* e vice versa. Se, por um lado, alguns jovens consideram que o graffiti deva ser uma prática essencialmente ilegal, outros há que apelam para o graffiti legal, apesar de haver algumas posições ambivalentes:

“(...) o legal é aquilo que eu faço é aquilo que eu valorizo, (...) é aquilo que para mim traz mensagem e mete sentido...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano, Trabalhador Independente (TI))

“(...) quando é legal existe uma procura mais interior mais espiritual. Algo mais organizado esteticamente.” (entrevistado nº 4, 20 anos, estudante, origem social no PTE)

“(...) gosto mais do legal porque dá-me mais tempo e gosto de fazer coisas mais cuidadas, mais elaboradas, gosto de perder algum tempo a fazer as coisas. Mas há pessoas...eu por acaso, o meu ilegal também, é um bocadinho...não é chegar lá e fazer e...por isso, dou valor às pessoas que fazem ilegal como se fosse legal. (entrevistado nº 2, 22 anos, 12º ano, Operário)

É possível afirmar que a prática legal do graffiti permite o trabalhar de técnicas, construções mais elaboradas e complexas, enquanto que o graffiti ilegal, o *bombing*, caracteriza-se por uma forma de fazer graffiti mais rapidamente, com um trabalho de construção não tão complexo, com uma elevada dose de adrenalina e risco em que se pretende atingir locais de maior dificuldade de acesso e por onde passem muitas pessoas.

“(…) pra mim o graffiti é a adrenalina, é aquilo de estarmos sempre a pensar se vamos ser agarrados ou não, também aquilo de “eh pá, pintámos num sítio mêmo lixado”, vamos pra casa mêmo felizes, porque é uma cena que nunca acontece na parede legal (…)” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior, origem social EDL)

“(…) se fosse o graffiti todo legalizado perdia um bocado o significado, porque tipo, já não ia dar vontade de pintar um comboio... (..) porque podia ir lá tipo, com um lanche, uma cadeirinha, um rádio, isso não dá vontade, o que me dá vontade num comboio é tipo, eu sei que tenho um X tempo e tenho uma cena pa dar, e tenho que fazer aquela cena o melhor possível, tás a ver, naquele X tempo... e as pessoas vão lá ver tipo, “ “eh pá, sim senhor, aquele homem fez uma cena em vinte minutos que ninguém faz p’ái tipo em dez horas” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante, origem social indefinida)

“(…) É esse risco que corremos que faz do graffiti graffiti. Se fosse legalizado muito provavelmente deixaria de existir e arranjavam outra coisa qualquer para fazer... (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior, origem social PTE)

É justamente pelo facto de o *bombing* se caracterizar por uma forma de expressão do graffiti em que a rapidez de execução é necessária que, os jovens que o praticam, mais o valorizam.

“(…) há o graffiti (bombing) que pega naquilo e em cinco minutos tem que tar dali pra fora e acabou... (..) e aí é que se vê, na minha opinião, aí é que se vê quem é que é bom e quem é que não é, porque aí, com tudo em cima, com pressão, uma pessoa, ou sai ou não sai (…)” (entrevistado nº 9, 19 anos, estudante ensino superior, origem social no PTE)

Embora, como já afirmámos, muitos dos jovens entrevistados se situem na fronteira entre o legal e o ilegal, esta dualidade não é pacífica, nomeadamente no que ao que deve o graffiti ou não ser. Como diz este jovem:

“Eu próprio pinto telas mas uma tela é uma tela e um graffiti é um graffiti numa parede, (...) mas...acho, por exemplo, que o graffiti que é ilegal é mais puro do que o graffiti que é legal.

Apesar de eu fazer, eu próprio faço muito graffiti legal, mas acho que o graffiti na sua própria essência é ilegal.” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano, Empregado Executante (EE))

Uma outra questão interessante prende-se com a consideração do graffiti como arte, para grande parte dos entrevistados o graffiti é uma arte, para outros sendo arte deixaria de ser “graffiti graffiti”:

“Para mim fazer graffiti é... pode-se dizer que é uma forma de arte, (...) através da arte mostrar o nosso estilo de vida, (...) a galeria é a rua e, quer queiram quer não, vão ver (...)” (entrevistado nº 6, 17 anos, estudante, origem social no Operariado (O))

No entanto, são aqueles mais inclinados para a vertente ilegal do graffiti, nomeadamente, para o *bombing*, quem mais questionam essa concepção:

“(...) eu não considero que o que eu faço é arte, e não o faço nesse sentido... paredes legalizadas isso eu considero arte... não sou capaz de ver uma parede ali no meio da rua, um trem a girar ou uma cena assim, eu não posso dizer que isso pra mim é arte, são duas cenas diferentes.” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior, origem social EDL)

Como vimos, todas estas concepções sobre o que é ou pode ser o graffiti ultrapassam as fronteiras de classe. Em primeiro lugar, os jovens writers entrevistados são oriundos de diversas posições de classe, com predominância para o PTE, o que permite desmistificar um pouco uma imagem corrente na sociedade portuguesa, como atrás referimos. Estes jovens são na sua maioria estudantes e com graus de escolaridade relativamente elevados. Curioso também foi o facto de admitirem desconhecer uma dimensão étnica na prática do graffiti em Portugal que pudesse assumir um peso relativamente elevado, conforme já foi referido anteriormente neste trabalho. Afirmam mesmo que a maioria dos writers que conhecem são brancos e portugueses, ao contrário do que muita gente poderia pensar.

Relativamente à nossa segunda hipótese, de os significados atribuídos ao graffiti variarem consoante os contextos locais de produção de sentido e as redes de relacionamento, podemos avançar com dois dados importantes. Em primeiro lugar, num dos locais em que encontramos os grupos de writers ou crews, nomeadamente no Forte da Casa, constatámos que a prática predominante é a do graffiti legal. Este grupo procura legitimar as suas práticas evitando apropriarem-se de espaços inconvenientes, normalmente pedem autorização para pintar nas paredes e muros públicos junto da Junta de Freguesia. Verificámos no terreno que a prática do graffiti é vivida, frequentemente e intensamente, por muitos jovens desta localidade. Têm uma

concepção mais artística do graffiti, seja no desenvolvimento de lettrings ou desenhos, e um desejo de requalificação urbana.

“(...) é um estilo de vida, para quem faz a cena, é um estilo de vida bastante civilizado, para quem o faz a sério, (...) tentam mudar a estética e criar um look novo àqueles blocos de cimento que fazem e depois não têm solução pra eles. Portanto, às vezes, é um bocado assim e isso não se produz cá ainda com muita regularidade, mas lá fora tu já vês, eles disfarçam prédios com fachadas meu, prédios cheios de coisas lindas meu, e por vezes, pá, e é por aí que nós vamos seguir, nem mais meu. Não é para tar a destruir paredes para dizer que o Jonh nin da couve teve ali e pintou ali, isso não interessa a ninguém, para mim não me interessa...”
(entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano, Trabalhador Independente (TI))

Num outro grupo de writers residente em Lisboa, encontrámos uma concepção do graffiti totalmente diferente. Dedicam-se mais ao *bombing* e o graffiti legal, e como atrás já foi referido por um writer, é apenas uma forma de se aperfeiçoarem para o graffiti ilegal, pois este é por eles considerada a vertente legítima do graffiti. Seja como for, queremos apenas afirmar que é possível estabelecer uma relação entre os contextos locais e redes de relacionamento e os diferentes significados atribuídos ao graffiti.

Durante o decorrer do nosso trabalho de pesquisa no terreno e através das entrevistas efectuadas, apercebemo-nos que os writers oriundos de diferentes locais se conhecem entre si. Na margem Sul do Tejo falaram-nos de writers do Forte da Casa, aqui, falaram-nos em writers de Lisboa e vice versa, em Lisboa falaram-nos de writers do Porto, etc. Quando falávamos da *tag* de algum, normalmente era conhecido, ou seja, tudo leva a crer que no “mundo do graffiti” as pessoas se conhecem entre si e, afinal, como nos foi dito, a prática do graffiti estabelece formas de comunicação entre eles.

“Essencialmente é para o outro pessoal que faz graffiti. O resto das pessoas não percebem (...) Porque o graffiti é um mundo completamente à parte dos outros mundos e eu acho que graffiti...as pessoas que percebem graffiti são as pessoas que fazem graffiti ou que vivem na redoma, dentro da redoma que é o graffiti, são pessoas que vivem próximas disso.”
(entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano, Empregado Executante (EE))

Grande parte dos entrevistados afirma que pintam, para além de si mesmos, para outros writers, o prestígio adquirido depende muito da avaliação feita entre os diversos graffitiers.

“(...)assino com a minha assinatura quando acho que os trabalhos têm qualidade, porque senão, eu posso ajudar muita gente mas nunca assino, nunca tive lá, percebes, porque, eh pá,

neste tempo agora é como venderes uma imagem, é como venderes a tua assinatura (...)” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano, Trabalhador Independente (TI))

No que se refere à prática do *bombing*, a qualidade do graff e o sítio escolhido são factores que contribuem para o aumento do prestígio junto de outros writers e pessoas ligadas a este “mundo”:

“(...) um comboio é mêmto aquela cena, pá se tu vires um comboio tão bonito como numa parede dá gosto, porque é um comboio e tu vês, “eh pá esses gajos têm um ganda risco, tão a fazer essa cena num comboio”, e dá-se mais valor à cena porque é um comboio, (...) o vandalismo é mêmto entre a gente, bombings, tudo, é mêmto entre o pessoal do graffiti, o pessoal do graffiti é que dá o seu valor.” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante, origem social indefinida)

Quando questionados sobre as suas redes de amizade, constatámos que os writers se relacionam muito entre si, alguns admitem mesmo que o seu círculo de amigos se restringe aos praticantes de graffiti. Como aspectos positivos, as amizades que se criam, foi um dos mais considerados e é o reforço desses laços de amizade que, por um lado, permite que se mantenham ligados ao mundo do graffiti por mais tempo e, por outro lado, estando inseridos neste mundo, distinguem-se de outros grupos de jovens e das próprias normas e regras da sociedade em que, apesar de tudo, se inserem.

“(...) acho que primeiro que tudo tem que haver uma amizade entre as pessoas. O nosso grupo, a nossa crew, deve ser a nossa segunda família, devemos tar ali, devemos tar-nos a identificarmo-nos com as pessoas com que tamos em que tar com eles é como tar com a nossa família, é a mêmto coisa (...)”(entrevistado nº 6, 17 anos, estudante, origem social no Operariado (O))

“(...) acima de tudo, graffiti só, acima de tudo, não é por mal, mas é assim, damo-nos bem e circulamos bem entre nós, (...) porque é mêmto assim, isto é um grupo, isto é um... pá, isto é uma elite, é um bocado, é um grupo de elite, é uma força de elite, tás a ver, são realidades completamente opostas (...)”(entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano, Trabalhador Independente (TI))

A posição em que se sentem face à sociedade é por vezes vista como uma afirmação contrária aos valores e comportamentos considerados normais,

“È um bocado tipo, estares...a fugir à sociedade, meu, tares a virar as costas à sociedade, é tares, é desprezares a sociedade. E já a mesma coisa é por exemplo, é pintar na linha do comboio, meu. Eu, por exemplo, quando vejo o comboio a passar, meu, o comboio para mim, representa a sociedade e eu sou tipo um bocado, uma espécie de um...um renegado que tá ali à margem da sociedade e que tá ali a fazer coisas pá sociedade ver.” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano, Empregado Executante (EE))

“(...) quando eu digo que isto é um acto de revolta é no sentido, quer queiram quer não, nós fazemos isto porque há gente que não gosta e porque há muita gente que tá contra isto (...) e porque há gente que fica mêmo chateada se eu der ali um bombing, isto pode parecer completamente ridículo e errado, mas eu tiro mêmo gozo de muita gente não gostar do que nós fazemos, acho que o gozo tá principalmente nisso, na sociedade não gostar do que nós fazemos (...)” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior, origem social EDL)

Uma vez que o graffiti tal como o conhecemos hoje surgiu nos Estados Unidos nos anos 70 e foi divulgado como uma componente da cultura Hip Hop, fomos procurar saber até que ponto os nossos entrevistados se identificavam com esta cultura. Dos dez entrevistados apenas três, dois mais concretamente, referem que se identificam com a cultura Hip Hop e afirmam mesmo praticarem graffiti em prol do desenvolvimento do movimento. Mas mesmo neste caso, e com tão poucos elementos, não foi possível estabelecer uma relação entre posição de classe e identidade com a cultura Hip Hop:

“Quem tá a fazer graffiti deve pensar que tá a representar uma cena d’uma cultura, e se essa pessoa não tem essa cultura tá a fazer uma cena completamente oposta daquilo que ele quer fazer, (...) porque há muitos que pintam e não respeitam a cultura... (...) sem ter o mérito de poder fazer graffiti.” (entrevistado nº 8, 18 anos, estudante, origem social indefinida)

“Comecei a fazer graffiti como uma vertente do hip hop. Primeiro acho que começa um pouco como algo que fazemos em prol do movimento e da cultura em que estamos inseridos, (...) Foi talvez para expressar esta forma de pensar e para a transmitir a todos os que não compreendem que pela primeira vez peguei numa lata.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior, origem social PTE)

Portanto, e uma vez que muito dificilmente a posição de classe dos jovens entrevistados está relacionada com os significados atribuídos ao graffiti, e conforme o enunciado na nossa hipótese nº 7, acreditamos que o sentimento de pertença a um grupo e o assumir de uma identidade alternativa ao nível dos estilos de vida se relacionam mais com a prática do graffiti do que propriamente a posição de classe, pois como vimos, jovens oriundos de diversas categorias

socio-profissionais (se bem que, no nosso caso, com predominância para a categoria PTE), adoptaram a cultura graffiti como estilo de vida. Fazer graffiti é uma forma de estar no mundo, é ser diferente, quebrar a rotina e sair da banalidade, é ver o mundo com outros “olhos”, é o construir de uma identidade.

“(...) fazer graffiti é representar de certa forma a minha existência e as coisas que eu penso e transmitir isso em formas e cores, (...) faço isso para me sentir...um bocado em casa quando ando na rua. Haver pedaços de mim por tudo quanto é lado, (...)a mensagem essencial é: “Eu existo!”” (entrevistado nº 7, 22 anos, 12º ano, Empregado Executante (EE))

“(...) é um estilo de vida para mim, acima de tudo, que me identifico com outras pessoas, compartilho com... outras pessoas, pá, o mesmo sentimento, é um modo de estar, tás a ver...” (entrevistado nº 5, 24 anos, 12º ano, Trabalhador Independente (TI))

“Eu vou no carro com os meus pais, eu vou-me a grisar o caminho todo, porque os meus pais vão na rua, vão olhar a pensar, “eh pá, ganda seca tenho de ir pó trabalho e não sei quê e eu venho a pensar “eia, tenho ali uma cena, tenho ali...””, nós vemos a cidade de uma maneira completamente diferente das outras pessoas” (entrevistado nº 10, 18 anos, estudante do ensino superior, origem social EDL)

“(...) querer mostrar que nós estivemos aqui ou nós passámos por aqui, mas é uma maneira de assinar mais pessoal, (...) mais de identidade pessoal.” (entrevistado nº 1, 28 anos, ensino superior, PTE)

“(...)Todas as sociedades têm que ter os seus "rebeldes" mas gostava que pensassem em nós como alguém que propõe uma "opção" diferente de vida.” (entrevistado nº 3, 18 anos, sexo feminino, estudante ensino superior, origem social PTE).

Síntese Conclusiva

Não perdendo de vista que a amostra deste estudo não é de todo representativa do contexto nacional, a conclusão mais imediata e principal que se retira, é que de facto, a prática do graffiti é atravessada por todas as categorias sócio-profissionais. Diferentemente do que aconteceu nos EUA em que o graffiti se restringia às classes sociais mais desfavorecidas, no nosso país, ele é praticado por jovens oriundos de diversas posições de classe com uma predominância da categoria sócio-profissional dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento, o que vai de encontro ao preconizado por José Machado Pais quando afirmava que eram os jovens oriundos

das classes médias que mais elegiam as actividades artísticas como actividades de substituição ao desemprego ou de lazer.

Sem querermos apresentar explicações absolutas e definitivas, parece-nos que as razões para que a apropriação do graffiti seja feita, em Portugal, por classes mais favorecidas, PTE, TI, EDL, na sua maioria, se prende com dois factores importantes. Primeiro, o facto de serem estes jovens que mais têm acesso a toda a informação relativa ao graffiti, já que este é difundido (exceptuando, claro está, a influência dos amigos) essencialmente através de revistas da especialidade na sua maioria em língua Inglesa, e pela Internet. De facto, não seriam os jovens dos bairros degradados da Grande Lisboa e Porto que teriam decerto acesso à Internet e a revistas “quase de luxo” escritas numa língua desconhecida por muitos deles. Por outro lado, todo o material necessário à prática do graffiti, nomeadamente as latas de tinta spray conforme nos foi dito por diversos graffitiers, é bastante caro, não estando por isso acessível a jovens de classes sociais mais desfavorecidas.

Fica, desta pesquisa, o fascínio por esta forma de expressão urbana e o desejo de voltar, “de armas e bagagem” ao seu estudo, porquanto inúmeras dimensões e problemáticas ficaram, infelizmente, por analisar.

Bibliografia

- ALMEIDA, João Ferreira, COSTA, António Firmino, MACHADO, Fernando Luis, *Famílias, estudantes e Universidade – Painéis de Observação Sociográfica*, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº4, 1998.
- BOURDIEU, Pierre, *La Distiction. Critique Sociale du jugement.*, Paris, Minuit, 1979.
- COSTA, António Firmino, MACHADO, Fernando Luis, ALMEIDA, João Ferreira, *Estudantes e amigos: trajectórias de classe e redes de sociabilidade*, in *Análise Social*, nº 105-106, 1990.
- COSTA, António Firmino, *Sociedade de Bairro - Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora, 1999.
- ESTANQUE, Elísio, MENDES, José Manuel, *Classes e Desigualdades Sociais em Portugal*, Porto, Edições Afrontamento, 1997.
- FERREIRA, J.M.Carvalho, (et al.), *Sociologia*, Amadora, Editora McGraw-Hill de Portugal, Lda, 1995.
- GARÍ, Joan, *La conversación mural. Ensayo para una lectura del graffiti.*, Madrid, Fundesco, 1995.
- GIDDENS, Anthony, *A estrutura de Classes das Sociedades Avançadas*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- MERTON, Robert, *Sociologia – Teoria e Estrutura*, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1968.
- PAIS, José Machado, *Culturas Juvenis*, Lisboa, INCM, 1993.
- PAIS, José Machado (Coord.), *Inquérito aos artistas jovens portugueses*, Lisboa, ICS, 1995.
- PAIS, José Machado (Coord.), *Traços e Riscos*, Instituto Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2000.

- SANTOS, Célia Marisa Liebaut dos Santos, *Processos de legitimação do graffiti, na fronteira do ilegal com o legal*, Tese de Licenciatura, Lisboa, Iscte, 2001
- WRIGHT, Erik O., *Class Counts. Comparative Studies in Class Analysis*, Cambridge (USA), Cambridge University Press, 1997

ANEXO 1

(GLOSSÁRIO)

Glossário

Bomber – Graffiter que pratica bombing

Bombing – Graffitis que se realizam rapidamente, sendo normalmente pouco elaborados e frequentemente a apenas uma ou duas cores (usualmente preto e prateado)

Color Pieces – Graffiti a cores bastante cuidado e elaborado, com fundos trabalhados e letras adornadas ou desenhos.

Crew – Conjunto de graffiteres que habitualmente pintam juntos e que assinam sob uma mesma assinatura que identifica o colectivo.

Crossar – Pintar ou riscar sobre um graffiti alheio

Graff – o mesmo que Graffiti

Graffiti – Arte plástica da cultura Hip-Hop e que consiste na pintura com latas spray.

Hall of Fame – Muro ou parede grande legalizado pintado com uma sequência relativamente longa de color pieces.

Hip Hop – Cultura urbana específica composta pelo graffiti, rap e break dance.

Latas – Latas de tinta em spray

Props – Parabéns ou felicitações enviadas através da parede a graffiter, crews, ou amigos.

Skills – Conjunto de técnicas dominadas por um graffiter.

Tag – Assinatura do autor do Graffiti

Tagar – Escrever o tag com letras desenhadas com uma só linha de tinta

Writer – O mesmo que graffiter

Writing – O mesmo que graffiti

ANEXO 2

(Listagem das hipóteses de pesquisa)

Listagens das hipóteses iniciais de trabalho

- 1) As representações e o significado atribuído às práticas do graffiti variam em função da posição relativa dos agentes no espaço social e dos contextos locais de produção de sentido.
- 2) Estamos inclinados a considerar que, diferentemente do que acontece nos EUA em que os graffítters são oriundos das classes mais desfavorecidas, em Portugal os jovens graffítters provêm de classes sociais diferenciadas.
- 3) Acreditamos que as redes que caracterizam os grupos ou crews de graffítters Portugueses, são bastante abertas e heterogêneas verificando-se no seu interior uma razoável diversidade de classes de origem e etnias.
- 4) Outro ponto da análise consiste em apurar se de alguma forma as redes de relacionamento e os quadros de interação local formados por diferentes grupos de jovens contribuem para representações e significados diferenciados atribuídos ao graffiti.
- 5) Pretendemos averiguar se as representações e significados atribuídos ao graffiti, pelas diferentes crews e seus membros, variam consoante o seu sentimento de pertença ao movimento Hip-Hop seja mais forte ou mais fraco.
- 6) Julgamos que os motivos que presidem ao desencadeamento destes comportamentos desviantes, e porque inseridos em contextos sócio-económicos diferentes, sejam diferentes daqueles que estiveram na base da formação da cultura Hip Hop no E.U.A.
- 7) As motivações para este tipo de práticas se prendem mais com a necessidade de pertença a um grupo e com o processo de formação de identidades do que propriamente com a manifestação contra determinadas condições de vida.
- 8) As atitudes perante a escola e a obtenção de diplomas e o seguimento dos estudos, diferem entre os jovens consoante as suas pertenças e origens de classe.

ANEXO 3

(Quadro: Sociabilidades)

	Amigos / graffiters	Escolaridade	Profissão / Situação Prof.	Categoria sócio-prof.	Escolaridade Pai	Profissão / Sit. Prof. Pai	Categoria sócio-prof.	Escolaridade Mãe	Profissão / Sit. Prof. Mãe	Categoria sócio-prof.	ISPF
Entrev.1	Amiga	Licenciatura	Designer Moda (C. Outrém)	PTE		Serralheiro Mecânico (C. Outrém)	O		Aux. Acção Educativa (C. Outrém)	EE	<i>AE</i> <i>PL</i>
	Graffiter	Licenciatura	Designer Gráfico (C. Própria)	EDL		Mecânico – Marinha (C. Outrém)	O		Contabilista (C. Própria)	EDL	EDL
Entrev.2	Graffiter	12º Freq. Curso Prof. Design)				Vendedor (C. Outrém)	EE		Emp ^a . escritório (C. Outrém)	EE	EE
	Amiga	Frequência Ens. Sup.				Segurança (C. Outrém)	EE		Aux. Acção Educativa (C. Outrém)	EE	EE
	Graffiter	9º ano	Distribuidor (Emp. Familiar)	TI		Empresário (Patrão)	EDL		Empresário (Patrão)	EDL	EDL
	Graffiter	Licenciatura	Relações Públicas (C.O)	PTE							
Entrev.3	Graffiter	Frequência Ens. Sup.									
	Graffiter	Frequência Ens. Sup.									
Entrev.4	Amigo	Frequência Ens. Sup.			Licenciatura	Farmacêutico (C. Outrém)	PTE	Licenciatura	Economista (C. Outrém)	PTE	PTE
	Amigo	Frequência Ens. Sup.			12º	Empresário (C. Própria)	TI	12º	Empresária (C. Própria)	TI	TI
	Graffiter	Frequência 11º			Licenciatura	Médico (C. Própria)	EDL	12º	?		EDL
	Graffiter	Frequência 12º			Licenciatura	Arquitectos (C. Outrém)	PTE	Licenciatura	Arquitectos (C. Outrém)	PTE	PTE
Entrev.5	Graffiter	12º	Vigilante (C. Outrém)	EE							
	Graffiter	12º	Vigilante (C. Outrém)	EE							

Entrev.6	Graffítters	10°	Segurança (C. Outrém)	EE		Gasoleiro (C. Outrém)	EE				
	Graffítters	11°	Decorador (C. Outrém)	EE							
	Graffítters	12°	Técnico vendas (C. Outrém)	EE		Operário (C. Outrém)	O		Técnica Vendas (C. Outrém)	EE	AEpl
	Graffítters	12°	Telefonista (C. Outrém)	EE					Telefonista (C. Outrém)	EE	
Entrev.7	Graffítter	8°	Tatuador (C. Própria)	TI		Carpinteiro (C. Própria)	TI		Costureira (C. Própria)	TI	TI
	Amigo	Frequência Ens. Superior				Chefe Secção (C. Outrém)	EE	Licenciatura	Enfermeira (C. Outrém)	PTE	PTE
Entrev.8	Graffítter	Frequência Ens. Superior									
	Graffítter	Frequência Ens. Superior									
	Amigo		Telefonista (C. Outrém)	EE							
	Amigo		Ajudante Camionista (C. Outrém)	O		Camionista (C. Outrém)	O		D*		O
Entrev.9	Graffítter	12°	Designer Gráfico (C. Outrém)	PTE							
Entrev.10											

* D – Mãe Doméstica